

CARLOS FREDERICO GAMA

editor-executivo
carlosgama@odebatedouro.com.br



be lo horizonte

editorial

Em toda parte O furacão Katrina é aqui

*O todo sem a parte não é todo,
a parte sem o todo não é parte,
mas se a parte o faz todo, sendo parte,
não se diga, que é parte, sendo todo.*
(Gregório de Matos)

A passagem do furacão Katrina pelo sudoeste dos Estados Unidos deixou não apenas um rastro de destruição material poucas vezes visto na "terra da Liberdade" – meios de comunicação, estuques, dividiam-se quanto ao que destacar nesse acontecimento lamentável. Alguns preferiram lançar o olhar sobre o movimento de solidariedade através das fronteiras, manifesto na atuação de ONG's como a Cruz Vermelha Internacional. Outros, ainda, se ativeram à precariedade da resposta dos poderes públicos (nos âmbitos municipal, estadual e federal) à tragédia. Houve aqueles que se preocuparam com as clivagens sociais que a tragédia desvelou, vez que os pobres foram notavelmente os mais expostos e atingidos, aqueles com menores condições de deixarem tudo para trás em busca de segurança. Outros, por fim, consideraram a relação entre Homem e Natureza (inclusive mencionando uma "vingança" da última, manifesta não apenas no Katrina, mas nas tsunamis asiáticas de 2004).

Neste momento, gostaria de chamar a atenção para uma temática que passou despercebida, em meio à

saraivada de críticas (muitas delas, justificadas) à administração George W. Bush. Trata-se da questão urbana – da *urbes* moderna.¹

Eric Hobsbawm aponta como um dos fatos marcantes do século XX a constatação de que, pela primeira vez, a maioria dos seres humanos não mais estava atada às rotinas do campo, vivendo majoritariamente em cidades, à razão de bilhões. Decerto que o cenário diferia em muito do renascimento urbano da Alta Idade Média européia. O século XX (e seu sucessor) é marcado por fenômenos bastante específicos como as metrópoles, as megalópoles e toda sorte de conurbações.

"Eric Hobsbawm aponta como um dos fatos marcantes do século XX a constatação de que, pela primeira vez, a maioria dos seres humanos não mais estava atada às rotinas do campo, vivendo majoritariamente em cidades, à razão de bilhões"

Num tal contexto, a *urbes* não apenas consolida-se como *locus por excelência do Moderno*, consolidando um processo de séculos de rearticulação das relações humanas num novo espaço-tempo. A *urbes* torna-se também a referência do *Internacional*. Porém, mais

que trazer à tona o que ficou encoberto por esse desenrolar da modernização urbana (qual seja, o campo, proverbial "não-lugar"), importa atentar para os corolários do processo de urbanização, estes que seguem um padrão notável que trespassa culturas, continentes, regimes políticos e contextos os mais diversos.

¹ Cf. GAMA, Carlos Frederico P. S. "Urbi et orbe: Relações Internacionais e seu não-lugar, o Campo" em O DEBATEDOURO 63, 04/05/2005, p. 13-14.

A reorganização da vida cotidiana no espaço da *urbes*, no decorrer dos séculos pregressos, implicou fenômenos como a contigüidade, uma necessidade cada vez mais premente. Temos como exemplo, para sustentar a cada vez maior *força de trabalho* cujos músculos impulsionaram a Economia dos modernos, a criação de um espaço de suporte agro-industrial, nas cercanias da *urbes*, seja na Grã-Bretanha dos cercamentos do século XVI, seja nos cinturões verdes do Brasil contemporâneo. Um duplo movimento tem lugar no espaço da *urbes* – bolsões se formam em seu interior para acomodar a *força de trabalho* (estes bolsões, dentre outros nomes, receberam um bastante sugestivo: *downtown*), ao passo que os demais fogem para os subúrbios, em busca de *segurança, qualidade de vida e bem-estar*. A dicotomia moderna do externo-interno implica, dentro da própria *urbes*, o *esvaziamento* dos centros urbanos, enquanto pululam os *condomínios fechados*, nas bordas. Progressivamente, o centro da cidade deixa de ser, como na Paris do século XIX, o espaço das luzes, para se tornar o mais obscuro cenário *cyberpunk* de uma metrópole industrial arruinada, como o caso proverbial de Detroit, capital do automóvel. Não precisamos nos deter nos impactos desse processo nas artes, nas atividades cotidianas e na própria prática política, impactando a noção de cidadania (batizada à imagem e semelhança da cidade europeia dos séculos XVII-XVIII) e, ainda, o que chamamos de *esfera pública*. Não é preciso, tampouco, atentar para o montante de *exclusão* resultante.

Os limites de possibilidade – grosso modo, os tetos – das diversas formas de Modernização são encontrados nos liames simbólicos da *urbes*, não apenas em contraposição ao não-lugar, à inércia do campo – as linhas traçadas no interior da cidade desvelam parte do que Anthony Giddens denominou de “fantasmagorização” das relações sociais. Cada vez mais, os tomadores de decisão e as pessoas comuns são confrontados com problemas que não são imediatamente *localizáveis* (digamos, à dessemelhança da Cidade dos Homens agostiniana ou da *polis* ateniense). A *urbes* não mais é o centro de um sistema de relações sociais, qual uma nova versão da “grande cadeia da Existência”. A *urbes* é o sistema por excelência do mundo dos modernos.

É a partir dessa constatação que o evento da passagem do furacão Katrina salta aos olhos, não apenas como uma tragédia inexorável, pois que alheia aos desígnios humanos, nos colocando nus diante do imponderável. Tampouco apenas como o resultado de políticas públicas deficientes, no tempo de longa duração, das autoridades dos Estados Unidos da América (ao contrário, digamos, de Bangladesh, a abundância de

recursos materiais para fazer frente a tais eventos é insofismável).

O Katrina também representa uma prova dos limites do projeto moderno na condição de empreitada humana de reorganização do espaço e do tempo.

A conquista, notável, dos pântanos da Louisiana aos jacarés e cobras, para nelas erigir uma cidade tão peculiar como Nova Orleans, é uma conquista dos modernos. Mas a vitória não é definitiva – já nos dizia Maquiavel há 500 anos, criar um “principado” é tarefa simples em comparação com “mantê-lo em funcionamento”. E não é preciso que recorramos à deusa Fortuna para ter uma noção dos obstáculos.

Uma vez que a *urbes* se torna o sistema moderno, não se trata apenas de uma questão funcionalista, qual seja, encontrar o *encaixe ideal* entre as partes, para que mantenhamos a cidade em perfeito funcionamento. Não se trata de uma questão de gerenciamento lastreada numa cosmologia mecanicista, newtoniana, a cargo de um grupo de *gerentes iluminados*. No lugar dessa máquina urbana à espera de um *Deus Ex Machina*, salta aos olhos com cada vez maior nitidez a imagem da *estrutura estruturada* de Giddens. Os problemas da *urbes* – que cada vez mais se confundem com a agenda política nacional e internacional – são engendrados na própria construção do espaço urbano: o enfrentamento de dificuldades produz novas dificuldades, num processo *recursivo*. Está posto, desta forma, um problema que vem com o conceito de “sustentabilidade” –

não basta fazer projeções da disponibilidade de recursos futura com base na utilização destes na atualidade, numa análise *coeteris paribus*. É preciso levar em conta o aspecto de *transformação da realidade futura* engendrado pela utilização dos recursos, aqui e agora – um juízo que parte de um conjunto de relações.

A mesma drenagem dos pântanos que transformou, ao longo de décadas, um charco na pulsante Nova Orleans, facilitou, em minutos, a destruição do Katrina, algumas décadas depois.

É de pensar se tantos tomos de Relações Internacionais e disciplinas correlatas, tão preocupados em *recortar, caracterizar e destacar* problemas em específico de seus contextos, não deveriam dedicar mais atenção aos efeitos que decorrerão dos enfrentamentos desses problemas, e que acarretarão por conseguinte a transformação da própria realidade sob análise.

Afinal, o Katrina é aqui. Quanto ao *agora*, ainda temos tempo para pensar e agir na *urbes*, moldar uma realidade, com disposição para lidar com a incerteza do *ser moderno* da melhor forma – sendo modernos, fazendo da dúvida e do imponderável motores da construção e da reconstrução.